



PRO-VIMARANE



QUINZENARIO DEFENSOR DOS INTERESSES DA CIDADE E CONCELHO

Editor, B. FARIA MARTINS. Director, DR. JOÃO O. BASTOS Adm.-Delg., JOÃO S. S. RIBEIRO.

Propriedade da Empresa "PRO VIMARANE."

Redação e Administração: R. Republica. 24

COMPOSTO E IMPRESSO NA "TIPOGRAPHIA LUSITANA, R. GRAVADOR MOLARINHO, 47 GUIMARÃES

SOBRE a reorganização do corpo de policia nesta cidade, fomos informados que a Comissão Administrativa da Câmara Municipal, já há tempos representou nesse sentido ao governo.

Mas já lá vai tanto tempo, e... nada.

Depois disso já deflagrou o último movimento que veio transtornar e alterar tudo. Porque não insiste a C. A. da Câmara?

A utilidade e a necessidade de manter aqui um corpo de policia já foram demonstradas suficientemente. Ainda ninguém nos contradisse.

Porque se não consegue então?

... chamo, ninguém me responde!...

□ □ □

A vil picuinha, o ódio soez, a pérfida ingratição invadem todos os organismos, instalam-se e manobram em todas as situações.

A propósito, da sindicância aos actos dum funcionário há pouco transferido, lá estiveram — os videirinhos — aqueles que hontem de chapeu na mão, quasi chorando, mendigavam o favor, hoje transformados em Eszariotes desprezíveis.

Em nome de que moralidade desempenhais o vil papel de delatores?

Farçantes!

□ □ □

PARA a história da nossa gazeta:

«Por não ser verdade», a local publicada no nosso último número sob a epigrafe «Como se faz a história», alguem, altamente colocado no nosso meio, devolveu-nos o jornal.

Em compensação, a todos os momentos somos cumprimentados e felicitados pelo desassombro com que fizemos aquele comentário que não tem que ser verdadeiro ou mentiroso, mas sim o fruto dum raciocínio, a opinião duma cabeça que não vai pedir a ninguém licença para pensar.

□ □ □

SOMOS informados que a causa desportiva vai reviver em Guimarães.

Depois do estado verdadeiramente mórbido a que chegou o sport na nossa terra, parece que se querem levantar novas energias capazes de nos levar, como nos antigos tempos, a triunfos muito honrosos.

Bem sabemos que há um grande óbice a vencer: a falta de elementos de valor. Mas tudo isso nada é se cuidarmos com acerto da preparação dos elementos existentes.

As creanças das escolas, os «teams» infantis estão to los os dias a fornecerem-nos elementos muito aproveitáveis. Saibamos nós aproveitá-los.

Desenvolveremos este assunto depois. Por hoje limitamo-nos a aplaudir a ideia de levantar o Sport Club de Guimarães, o Club resultante da fusão dos antigos Atlético e Vitória, que por razões várias ainda não nos deu sinal de vida.

Até breve.

Ex.^{mo} Sr. Administrador do Concelho

E' a V. Ex.^a sr. Administrador do Concelho, que nos dirigimos.

O PRO VIMARANE, porta-voz do povo desta terra, o órgão incontestado dos interesses dum povo de ordem e de trabalho, vem há tempos pugnando, reclamando, pedindo, que seja restituído a esta cidade o seu antigo regimento—o 20 de infantaria—de tam gloriosas tradições a que andam ligadas as tradições de Guimarães. Para a sua bandeira conquistaram os nossos conterrâneos aquela Cruz de Guerra que é o prémio merecido dos grandes cometimentos.

Pois bem, o seu regresso constitue neste momento uma das nossas maiores aspirações. V. Ex.^a deve-o ter já presentido. E como o PRO VIMARANE, cuja voz por mais calorosa e entusiástica que seja, não pode, atento o âmbito restrito onde ecôa, fazer chegar lá longe, às altas cadeiras do poder, os seus rogos, as suas reclamações, os seus pedidos, vem apelar para V. Ex.^a

E' V. Ex.^a o representante nesta terra do Governo da Nação. A V. Ex.^a compete dar conhecimento ao Governo das necessidades, das aspirações deste povo.

E' por isso que, fazendo este apêlo,— julgando não o fazer em vão — esperamos que, dentro em breve, Sua Ex.^a o sr. Ministro da Guerra tenha conhecimento do desejo ardente que tôda uma região—onde o trabalho é a política predominante—tem em que lhe restituam o seu regimento.

E o que aí fica dito em letra redonda, é aquilo que palpita em cada coração vimaranense.

Portanto, V. Ex.^a, que veio para aqui, para fazer cumprir as ordens do Governo, também lhe incumbe o dever de nos defender. Governar não é incompatibilizar, razão porque o PRO VIMARANE aguarda confiante o resultado das demarches a que V. Ex.^a vai naturalmente proceder, atendendo assim o pedido que fazemos.



*Com sacrosanto gôzo o lábio amor murmura,
Quando o olhar contêmpla aquela que nos ama,
Aquele que só bênçãos sôbre nós derrama,
Aquele que por nós o coração tortura.*

*Quem poderá dizer a salutar doçura
Que o nome Mãe aos filhos seus proclama?
Ou poderá sentir a tam ardente flama,
Que abrasa aquele peito em fogos de ternura?*

*O' vós, que a dita tendes de viver no mundo,
A' sombra tutelar do seu amor fecundo,
Sabei que possuíis na terra o melhor bem!*

*Se um dia, por acaso, a virdes sem amparo,
Lembraí o seu amor, de todos o mais caro,
Oh! não! nunca esqueçais os mimos duma Mãe.*

O «PRO VIMARANE» fez expedir no passado dia 12, o seguinte telegrama:

«Ministro da Guerra—Lisbôa—«PRO VIMARANE» órgão interesses desta cidade ao passar aniversário 12 Março 1918 sauda na pessoa de V. Ex.^a exército português. Há 9 anos V. Ex.^a chefe Estado Maior 2.^a Divisão C. E. P. louvava o 20 constituído filhos desta região «pela disciplina, coragem e bravura com que repeliu o inimigo no violento ataque de 12 do corrente não permitindo que êle tomasse um só elemento da linha A». Hoje ao ter conhecimento dissolução do 20 de infantaria sinatário ousa pedir V. Ex.^a seja colocada aqui novamente sua unidade o que constitue grande aspiração povo desta terra. — Dr. João Oliveira, director».

□ □ □

N^o passado dia 13 foram inauguradas as novas salas de jogos na Associação de Classe dos Empregados do Comércio, desta cidade.

Esta próspera colectividade, vem de há tempos passando por uma completa transformação, mercê da inteligência e boa vontade do seu actual presidente senhor António de Almeida, que não se tem poupado aos mais árduos sacrificios, para tornar a sua séde um verdadeiro mimo.

Honra lhe seja.

Esta inauguração foi solenizada numa festa íntima, onde aquele nosso amigo foi alvo dos mais entusiásticos elogios.

□ □ □

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para o artigo que noutra lugar publicamos sob a epigrafe «Recordar é viver» do nosso novo colaborador «Arsénio».

Aquilo que ali se lê é a história dos nossos valentes soldados na Grande Guerra, quando à sombra da bandeira de Infantaria 20, souberam honrar a Pátria e o regimento a que pertenciam.

Depois de se ter conhecimento disto, o que aliás não se devia ignorar, persistir-se ha em nos negar aquilo que é nosso, que pertencia a esta terra?

As glórias daquele regimento custaram muito sangue aos nossos conterrâneos!

□ □ □

PARECE que o nosso eco do n.^o passado, referente à Taxinha, foi ouvido o que muito nos consola. Habitados, como estamos, a considerarem letra morta as nossas queixas e as nossas reclamações, o facto de uma vez nos fazermos ouvir é caso para agradecer.

Seria magnífico que, para futuro, e vendo a justiça que nos assiste, os nossos protestos e as nossas reclamações, porque são sinceras e justas, fôsem ouvidas com mais atenção, com aquela atenção que — julgamos nós — leve merecer quem, desinteressadamente, deseja e trabalha pelo progresso e o bem de Guimarães.

Recordar é viver

1918 — 12 Março — 1927

Os anos correm céleres, e mais um é passado sobre a fornalha tenebrosa da gélida Flandres.

Nesta hora, que Portugal parece sossegar das avalanches revolucionárias, curvemo-nos silenciosos sobre o túmulo do Desconhecido, recordando o Heroísmo Épico dum punhado de valentes da vossa terra.

Quem se não sentirá orgulhoso, vivendo uns instantes entre uma pleiade tam fina, recordando a sua heróicidade obscura?

Não foi Guimarães o meu berço, mas aqui tenho um pedaço d'alma, que, quando a razão o chamar à realidade, exijo que se habitue a recordar os grandes Heróis da sua Terra.

Esse regimento de gloriosas tradições, o vinte de infantaria, que levou à França a fina estirpe da Valentia, que se bateu com desprezo pela vida, derramando o seu sangue pela Pátria sua amada, não poderia por mim ser esquecido, nem por Vós, Povo de Guimarães, que com lágrimas o visteis partir e que um dia o recebesteis de braços abertos, beijando aquela Cruz de Guerra, tam linda e tam significativa.

Vêde, Povo, como é sublime viver essas páginas brilhantes da História do saudável regimento do vinte de infantaria.

Às 5 horas da manhã do dia 12 de Março de 1918 a nossa artilharia rompeu um fogo intenso sobre as linhas inimigas, por haver fundadas suspeitas de que o sector português iria ser atacado. Em breve a artilharia alemã respondia violentamente bombardeando a 1.ª e 2.ª linha (linha A e B) ocupadas pelo nosso Batalhão (em Fauquissart 1), bem como as trincheiras de comunicação, abrindo assim largas brechas nas defesas, arrasando e nivelando os parapeitos. Em seguida, num impulso brutal e formidável, os alemães saltam dos seus abrigos e correm ao assalto das nossas linhas, entre Fauquissart e Chagny, caindo em massa sobre o flanco direito do Batalhão de infantaria 20. De ambos os lados a artilharia troava furiosamente. A luta foi rápida e tremenda, mas o impulso das vagas assaltantes era imediatamente quebrado por um contra-ataque fulminante dos valentes soldados do 20. Do nosso lado os actos de bravura sucediam-se numa rapidez fulgurante e assombrosa. Um 1.º cabo, com as mãos crispadas na sua metralhadora, batia-se a peito descoberto, desprezando a vida e oferecendo-a em sacrificio da honra e do dever militar. Mais além um 2.º sargento é ferido, mas teima ainda em não abandonar o seu posto; uma grana-da rebenta perto e derruba-o cheio de estilhaços e sangrando por todo o corpo. Só assim, exânime, o conseguem levar para a ambulância. As nossas perdas em mortos e feridos foram pesadas, mas em pouco tempo

Apreciação infeliz

Alguem alcunhou de *vermelhão* este jornal. Esse *alguem* foi infeliz, porque muitas vezes temos declarado abertamente a nossa atitude—isenção completa e absoluta de toda e qualquer política. Nem *vermelhão*, nem azul e branco, nem mesmo *pardo*. Para confirmar esta nossa asserção basta atentar-se com *olhos de vêr*, em alguns dos seus números publicados.

Não percebemos a razão da-quele epíteto; somos porem informados que êle se deve à publicação da local que se referiu a palavras expressas pelo Ex.º Coronel Amaral na entrevista concedida ao «Jornal de Notícias». Temos muita consideração e relações de amizade com este Ex.º Sr. e com toda a sua Ex.ª família. Ele disse tem a certeza. Não deixamos, porem, sem qualquer desprimôr para Sua Ex.ª, de concordar que foi, em lugar de *conciso* e *preciso*—como seria mister em tal conjuntura, atenta a qualidade da sua pessoa e o papel importante que desempenhou neste último movimento *prolixo* de mais. E daí o esquecer-se que era e é filho muito ilustre desta terra, atirando para ela culpas que não teve nem tem. E daí o esquecer-se da situação dos camaradas que aqui ficaram e que era precisamente igual à sua (fiéis ao governo) e chamar *audacioso «raid»* ao acto praticado pelos 24 militares que vieram de Braga.

Quem nos chamou *vermelhão* não soube com certeza ler e muito menos compreender a local. O seu autor não fez más refe-

rências ao Ex.º Coronel Duarte Amaral. Toda a gente de Guimarães faz justiça à sua competência de militar sabedor e inteligente. Sentimo-nos, como filhos de Guimarães, magoados com as palavras de Sua Ex.ª na entrevista, referentes à terra e aos seus patricios. Nada mais. Não se fez apreciação de caracter político, porque tal não se podia nem devia fazer.

O autor do epíteto — amigo pessoal do humilde director deste jornal, quiz talvez com êle referir-se-lhe. Toda a gente conhece a *grande acção* política que tem tido o director do «PRO VIMARANE». Nada tem sido e nada pretende ser politicamente. Acima de tudo, sabe ser amigo do seu amigo, sobrepondo a tudo, a amizade pessoal. Esqueceu-se depressa, quem acusa de *vermelhão* o «PRO VIMARANE», que na hora mais amarga da sua vida, o autor deste artigo, pondo de parte tudo, absolutamente tudo, soube cumprir o dever de verdadeiro e bom amigo, pondo-se incondicional e desinteressadamente a seu lado no Tribunal Militar do Pôrto.

Há coisas que não devem esquecer-se nunca, mas, infelizmente, a ingratidão é hoje o *pão nosso de cada dia*.

Mas repito: Sua Ex.ª foi infeliz pois que—por coincidência—o autor da local a que se faz alusão é monárquico convicto e de princípios sem *nunca, em tempo algum*, se ter desviado da sua orientação política.

JOÃO DE OLIVEIRA BASTOS.

ESCLARECENDO

Fomos procurados pelo Ex.º Sr. Capitão Morais, que nos pediu para declarar não ser êle o autor da local neste jornal publicada no seu último número, intitulada «Como se faz a história...».

Fazemos esta declaração unicamente para sermos agradáveis ao sr. Capitão Morais, pois adoptamos a norma de

o «raid» alemão estava completamente frustrado e, cerca das 7 horas e 30 minutos, o inimigo, já de novo abrigado nas suas linhas, tendo deixado alguns prisioneiros nas nossas mãos, levantava, ao sol claro e brando da manhã, a bandeira da Cruz Vermelha para saír à «terra de ninguém» a recolher os feridos e mortos que as metralhadoras do heróico Batalhão de infantaria 20 tinham ceifado impiedosamente.

Sua Ex.ª o Ministro da Guerra Passos e Souza, então Chefe do E. M. da 2.ª Divisão do C. E. P. em la Gorgue, em 19 do mesmo mês, louvava o Batalhão do 20 de Guimarães

não darmos satisfações do que se passa portas a dentro da nossa redacção.

Assumimos todas as responsabilidades quando escrevemos, não abdicando do direito de crítica que nos assiste, e quem julgar que prevaricamos, recorra aos meios que a lei lhe faculta.

Nada mais.

...«pela disciplina, coragem e bravura com que repeliu o inimigo no violento ataque de 12 do corrente, não permitindo que êle tomasse um só elemento da linha A.»

Exemplos destes, só filhos de Guimarães.

Orgulhai-vos, mães Portuguesas! Levantai bem alto vossos filhos para que a Pátria os contêmple.

Aos maiores Heróis do 20 de Guimarães, 2.º sargentos Joaquim Ribeiro e Aloisio Pereira Ramos, presta homenagem o vosso humilde companheiro de Newala.

ARSENIO.

Março—1927.

A PROPÓSITO

Os amores que demêntaram D. Tereza nos últimos anos de seu governo, deu motivo a que muitos nobres descontentes, com o seu procedimento viessem juntar-se a seu filho Afonso Henriques que residia em Guimarães, incutindo-lhe no seu ânimo a rebelar-se contra sua mãe.

Afonso, que ao seu ardor juvenil aliava brilhantes qualidades de dextro cavaleiro, tendo a apoiá-lo a melhor nobresa e amigos decididos, se transportou, como êstes lhe aconselharam, a Samora aonde se fez armar cavaleiro aos quatorze anos de idade, no ano de 1125.

Na *catedral desta cidade êle próprio tirou a espada do altar de S. Salvador e vestiu a loriga e cingiu o cinto militar como usavam os reis que de ninguém dependiam.*

Em 1127 vendo Afonso aumentar o número dos seus amigos e levantando-se Guimarães em seu favor, êle se revelou então decididamente contra sua mãe.

O ardor guerreiro do moço batalhador *Ibn-Errik*, como depois lhe chamavam os mouros, não tinha limites que lhe demarcassem os ímpetos e o pensamento de fundar um reino independente, onde só ele imperasse como senhor absoluto, dementava-o.

Crisar para si uma pátria, separar Portugal da monarquia lionesa, quebrar de vez as cadeias que o acorrentavam ao império de Afonso VII, era um sonho que constantemente agitava o cérebro do infante, incutindo-lhe a coragem da féra, e dando-lhe ao braço musculoso a força inquebrantável para manejar sem descanço a espada victoriosa.

Foi em 1128 que D. Tereza ao ter conhecimento do que se passava, correu pressurosa ao campo da lucta, defrontando o seu exército com o do filho rebelde no campo de S. Mamede. A batalha foi decisiva. Rôtas as hostes inimigas, a sorte das armas decidiu-se pelo infante.

Foi a primeira pedra lançada para a construção da nossa nacionalidade.

De então em diante *Ibn-Errik* jámais teve descanço; de espada em punho, dia a dia, construía o glorioso monumento-Portugal.

* * *

A comemoração do 8.º centenario da batalha de S. Mamede é uma ideia já lançada.

Vimo-la secundada com prazer, pelo nosso muito ilustre conterrâneo, jornalista distinto, sr. A. L. de Carvalho.

Não ficariamos de bem com a nossa consciência se não viessemos juntar todo o nosso aplauso a esta ideia. *Se a Coimbra fica bem o seu propósito solenizador, pode a Guimarães admitir-se que fique indifferente á passagem da inolvidavel data nacional—se a história nos diz que á nossa terra cabe a altíssi-*

LABOR DA GREI

A Exposição Industrial e Agrícola Concelhia de 1923, deixou em todos os vimaranenses, e no espírito de quantos nos visitaram, a melhor impressão. Nêsse certamen foi pôsto à prova o valor da nossa Terra e ficou conhecido o progresso das nossas indústrias. Foi uma exposição de maravilhas, feito de um grande labor:—«o Labor da Grei».

Mas, passados os primeiros entusiasmos, extintos os ecos e as vozes de aplauso que de todo o país,—e até do estrangeiro,—se levantaram, tudo caiu numa modorra enervante e acabrunhadora. Faltava alguma coisa que fôsse o complemento digno de tão bela manifestação de trabalho da nossa gente. Seria desolador que os louros da glória conquistada mirrassem e se reduzissem a pó, sem que alguma coisa ficasse a atestar o esforço dispendido, a beleza da Exposição e o triunfo alcançado pelas indústrias da nossa terra.

E no meio do desânimo uma voz se ergueu generosa e boa, a chamar às realidades, à luta, para que a Exposição de 1923 não caísse no olvido, para que se não pulverisasse no esquecimento o:—«Labor da Grei». Francisco Martins, alma devotada ao trabalho e que tanto contribuiu para que a Exposição fôsse levada a efeito, dá, a todos, um magnífico exemplo e, sem um desânimo, arrosta com o sacrifício de levantar um padrão imorredouro, que fôsse, ao mesmo tempo, uma catalogação dos nossos monumentos e um índice do nosso trabalho, dêsse trabalho que, durante o mês de Agosto de 1923, tantos entusiasmos e aplausos despertou.

Foi, ha pouco, lançada a oitava pedra nêsse padrão de glória. Porque cada fascículo do «Labor da Grei» é uma página da história de Guimarães, e, por si só, um padrão.

E a nossa alma moça que muito ama e muito quer à terra que lhe foi berço, não pôde, embora saiba de antemão que vai ferir a modéstia de Francisco Martins, calar êste desabafo sincero de admiração por tão arrojada e bela iniciativa a que todos os vimaranenses devem ser gratos.

VILAFLORE.

ma glória de haver sido o berço de Portugal?

Não. Não se admite. Guimarães tem que solenizar essa memorável data como lhe compete.

Confiamos que todos os vimaranenses assim o compreendam para honra e glória da nossa terra.

JCM.

Guimarães progride

O que disse ao «Pro Vimarane», S. Ex.^a o sr. Capitão Duarte Fraga

Quando, há dias, representando o PRO VIMARANE, na reunião que na Câmara se realizou para tratar da colocação aqui de uma unidade militar, a que noutro lugar fazemos referência, tivemos ocasião de trocar impressões com Sua Ex.^a o sr. Presidente da Comissão Administrativa, Capitão Duarte Fraga, sobre os projectados melhoramentos na cidade.

O assunto, de palpitante actualidade, era interessante e merecia ser tratado nas colunas do nosso jornal, razão porque aproveitamos a ocasião de registar a entrevista que se nos deparava imminente.

E, assim, perguntamos:

—Pode V. Ex.^a informar-nos se o novo edificio dos Paços do Concelho comporta suficientemente todas as repartições públicas?

—Sim, o projecto do architecto sr. Marques da Silva foi elaborado de forma a comportar todas as repartições públicas, tendo-se sujeito porêms ao movimento dessas repartições no tempo em que êle fôra feito. Acrescentou ainda Sua Ex.^a que o projecto primitivo sofrera já algumas modificações no sentido de ampliar algumas dependências um tanto acanhadas para o movimento actual dessas repartições. Espero, no entanto, que o referido architecto dentro em breve possa dar mais pormenorizados esclarecimentos sobre êste assunto, satisfazendo assim os seus desejos.

—Duma maneira geral pode V. Ex.^a dizer aos leitores do PRO VIMARANE o que tenciona fazer a Comissão Administrativa, a que V. Ex.^a preside, no capítulo-melhoramentos cidadãos?

—Eu lhe digo. No Tournal—pavimentar a sua parte ajardinada a mosaico onde se destacarão os vultos e factos mais importantes do reinado do fundador da nossa Nacionalidade; os canteiros sofrerão com esta mosaicocultura algumas alterações; modificar a sua iluminação, colocando postes eléctricos mais elegantes, com focos mais poderosos e desaparecendo os pequenos globos que serão substituídos por outros dignos daquele largo.

—E já que falamos no Tournal, que nos diz V. Ex.^a da marquize, pela qual tanto temos clamado?

—Vão começar brevemente as obras para a sua colocação, colocação essa que uns vêem bem e outros vêem mal, mas como está quasi concluída, entendo dever collocá-la. Depois de pronta e adaptada, o tempo se encarregará de dar razão aos que a defendem ou aos que a atacam.

Um pouco mais adiante do Tournal e aproximadamente no sitio onde outróra estivera—e que a tradição obriga a lá colocar—ficará o elegante e formoso chafariz que hoje, infelizmente, se encontra escondido no Largo Martins Sarmiento. Para êste largo, em substituição daquele chafariz, tem a actual Comissão tencões de colocar, o monumento aos mortos da

Grande Guerra, ou um candieiro monumental, que iluminará convenientemente o mesmo largo que, presentemente, está quasi às escuras.

—Quanto a obras fora do Tournal, que pensa a Comissão fazer?

—Ainda entre o Tournal e o Passeio da Independência e pouco mais ou menos fronteiro à parede onde se destaca o réclame da Vacuum, será colocado um refúgio no meio do qual se salientará um elegante poste com focos eléctricos. No Passeio da Independência, a sua parte central, será asfaltada para evitar aos vimaranenses o pó tam incomodativo em dias de recreio, sendo os seus passeios betunilhados. Da mesma forma a sua iluminação sofrerá, para melhor, modificações, entre as quais a colocação de dois candelabros eléctricos a um e outro lado da escada de acesso para o jardim. Tenciona ainda a mesma Comissão aformosear os largos de S. Francisco e da Misericórdia, assim como modificar o actual Largo da República do Brasil de maneira a abrir uma avenida central desde a escadaria do templo até ao Largo 1.^o de Maio.

—As modificações na iluminação eléctrica limitam-se àqueles dois largos a que V. Ex.^a já fez referência?

—Não. Além das que já referi, será também alterada a das, ruas 31 de Janeiro, Paio Galvão República e Largo 13 de Fevereiro.

—Que significam as obras lá em cima no Castelo?

—Essas obras tem por objectivo o descongestionamento do nosso principal monumento—o Castelo de Guimarães—para aise construir um parque, onde todos os portugueses possam ir recordar factos imorredouros da história Pátria. E, a propósito, devo dizer-lhe que a actual Comissão tem a promessa do engenheiro das Obras e Monumentos Nacionais duma verba larga para a reconstrução do Castelo de Guimarães.

—Isto é o que se pode chamar um programa de realizações, monumental!—objectamos.

—Inda não é tudo. A Comissão a que presido também é Pro Vimarane, e, nesse sentido, deseja trabalhar, e, assim, também, projecta as construções do Bairro Operário e do novo Mercado para o que já mandou elaborar o respectivo projecto ao architecto sr. Marques da Silva, o qual já se acha concluído, tencionando pô-lo em exposição para ser apreciado pelo público, visto ser considerado um projecto modelo. Note, para esta última obra será necessário o conseguimento de um empréstimo que, conto, será concedido pela Caixa Geral dos Depósitos.

Além desta série de melhoramentos, que virão com certeza transformar por completo a fisionomia da cidade, temos feito já alguma coisa, que o público conhece, como seja caminhos em dife-

Pro Regimento

Uma importante reunião

Realizou-se há dias no edificio dos Paços do Concelho, uma reunião de diferentes colectividades para se resolver sobre o melhor caminho a seguir para a colocação nesta cidade duma unidade militar.

Estiveram presentes a essa reunião representantes da Comissão Administrativa da Câmara, Sociedade Martins Sarmiento, Associação Comercial e Industrial, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários, Associação Artística Vimaraneense, Associação de Classe dos Empregados de Comércio e Grupo «Pro Vimarane».

Depois de se trocarem impressões sobre êste momentoso assunto de capital importância para a nossa terra, ficou resolvido enviar a Lisboa uma comissão que, junto dos poderes públicos, consiga que Guimarães tenha novamente uma unidade militar.

Antes, porém, ficou encarregado o sr. Presidente da C. A. da Câmara, de aplanar umas dificuldades que existem para o conveniente alojamento da mesma unidade.

Sabemos que S. Ex.^a tem tratado do assunto e que as suas «demarches» vão bem encaminhadas, o que nos faz prever a breve resolução desta importante aspiração da nossa cidade.

Não nos cansaremos de incitar as pessoas que ocupam nesta terra os lugares mais preponderantes, para que ponham ao serviço desta causa todo o seu interesse, todo o seu entusiasmo.

Não devemos, não podemos permanecer inertes à espera que nos caia do céu aquilo que pretendemos: é preciso agir, mas agir já.

Queiramos e saibamos trabalhar que, estamos certos, alguma coisa havemos de conseguir.

rentes freguesias, obras no nosso Liceu de forma a poder funcionar como Liceu Central e a reforma dos antigos Paços do Concelho, sujeitando-os à sua forma primitiva, para o complemento de que se vai substituir a sua varanda por uma própria da época, como brevemente verá. Isto além de outras que me dispense enumerar.

E terminou, assim, Sua Ex.^a, o sr. Capitão Fraga, a entrevista. O jornalista registou as suas declarações que, com prazer, transportou para aqui, *ipsis verbis*, em letra redonda.

PRO VIMARANE perfilha, em parte, os projectos da Comissão Administrativa da Câmara, resolvendo-se porém o direito de os apreciar.

PÁGINA LITERARIA

NOVELA

A VINGANÇA DE HELENA

— PARA O J. CÉSAR —

I

Quando Helena veio ao meio encontro, notei no seu rosto pálido uns leves sinais de desespero. Nervosa e impaciente, vinha dizer-me em voz maguada de súplica que não tentasse mais. Fernando sabia já de tudo. Tinham-no avisado. Por quem não o soube, porque Fernando não o disse. E Helena tremia... Tremia, mas por quê? Por mim? Por ela? Por Fernando? Apenas me pedia insistentemente: «Não tentes mais atravessares te no meu caminho! Seria uma desgraça, tam grande desgraça que ficaria como uma corrente de aço a oprimir-nos a todos...»

Fazia luar àquela hora — hora alta da madrugada.

— Helena! Não compreendo o que dizes. Não me faças sacrificar. Desengana-me! Sabes que entre nós não há núvens a toldar as nossas consciências, nem Fernando pode queixar-se... E's a sua noiva ideal, a mulher dos seus sonhos, segundo elle diz aos amigos da sua maior intimidade. Sei que te ama perdidamente, com entusiasmo. E porque assim creio, eu quero saber a razão porque, a esta hora, me escreveste pedindo com urgência para vir ter contigo. Aqui estou. Razões ponderosas devem existir para assim procederes, não é verdade, Helena? E tu vais expô-las, sossegando-me o espírito, embora te custe...

— ... Embora te custe, repetiu, acentuando as sílabas como a procurar descobrir o mistério dum segredo que, a sabê-lo, morreria de desgosto.

É, olhando me bem de frente, pediu-me que a uma pergunta sua teria de responder com verdade e clareza, pois da minha resposta depende a sua e a minha felicidade. Se eu desejava saber a razão porque ali estava sozinho com uma mulher, havia primeiro de dizer: sim ou não!

O vento do norte começava de sacudir bruscamente as plantas do seu bem tratado jardim cheio de luar e de flores cujo perfume embriagava o ar de poesia e de tristeza a comunicarem-se com as nossas almas. As últimas palavras de Helena subjugavam-me. Permaneci imóvel, em cogitações comigo mesmo, sem me atrever a fitar de frente esta insinuante figura de mulher com uns lindos olhos azuis a iluminarem o seu rosto pálido por um martírio a que eu era estranho.

— Seja, Helena! Faze a pergunta que entenderes, respondi com medo das minhas próprias

palavras. Prometo-te falar com o coração nas mãos.

— Obrigada. Dize-me: Fernando, mordido pelo ciúme, ou por qualquer outro defeito ou capricho de homem de «club», talvez excesso de zelo infundado da sua parte, na última noite que esteve comigo, á hora do chá, deu-me a perceber que queria estar a sós comigo. Pedindo licença ás pessoas amigas que nos faziam companhia, afastamo-nos para um canto da janela. Fernando, sem que eu o interrogasse e com umas maneiras que jamais lhe notei, fez-me um certo número de perguntas, quais delas as mais extraordinárias, a que não pude responder logo. Apenas a uma tentei dar uma resposta vaga... indecisa...

— Vaga... indecisa...?

— Sim, sem pensamento, nem consciência. Ouve: Fernando diz que te vens atravessando no meu caminho por maneira a dar escândalo. Que já te viu atravessar por duas ou três vezes, as ruas dum jardim... deste mesmo jardim em que te encontras agora. E' verdade? Como sabes, mulheres em nossa casa, há apenas quatro: minha mãe, eu, minha irmã que é uma criança de 12 anos e a criada. Homens, só meu pai, agora ausente. E' verdade—pregunto pela segunda vez—teres atravessado o meu jardim, e com que fim?

— Sorri amargamente e, mentalmente, chamei canalha a Fernando. Tinha prometido a Helena falar com o coração nas mãos. Estava arrependido. Helena não devia saber o que eu sabia. Devia ignorar absolutamente, porque seria como um castelo a desabar sobre a cabeça duma familia digna pelo seu passado. Mas como, se Fernando era o primeiro culpado e eu a vítima que elle procurava afastar tam vilmente!? Apesar de tudo, é preciso que Helena não suspeite sequer do perigo que a rodeia. Meu Deus! O destino a arrastar para a vergonha uma jovem e uma criança! Quiz fugir, sair daquela situação delicada e a mais cruel da minha vida. E quando me não visse em sua casa? Que diria a infeliz Helena? Um covarde! Um criminoso! Fernando regosijaria do triunfo alcançado e andaria mais á vontade. Helena, essa, aguardava impaciente a minha resposta. Os seus olhos interrogavam fundo o meu pensamento e aos meus ouvidos parecia chegar esta palavra saída dos seus lábios: poltrão! Decidi-me a dizer-lhe simplesmente: Helena, o futuro amea-

POETAS

MÃOS MILAGROSAS!

Bendita sejas, ó Rainha-Santa,
Que os pobresinhos de pedir consolas,
Enchendo-lhes o sacco das esmolas,
Num caridoso gesto que os encanta!

Mal ouves soluçar uma garganta,
Logo o teu coração, como as papoulas,
Desabrochando á luz tuas corolas,
Aquela dor, subitamente, espanta!

Assim a tua vida se consome,
A socorrer aqueles que teem fome,
Com tuas mãos divinas, milagrosas!

E quando o Rei te vê sair do Paço
E pergunta o que levas no regaço,
— O pão dos pobres se transforma em rosas!

(Do livro «Verde Esperança».)

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

ça-te. Fernando não te ama. E' um pretexto apenas que elle procura para desfazer o teu sonho de noiva...

— Não me satisfaz o que dizes, embora seja verdade. O que quero saber é a causa que te leva a atravessar de noite uma propriedade particular! — disse Helena com altivez.

Efectivamente eu dissimulei a resposta propositadamente. Helena, porém, é inteligente e sabe medir bem o alcance das palavras. Não sabia, pois, como dizer-lhe vagamente o que ela nunca devia saber. As palavras cruzavam-se-me trémulas na garganta.

— Helena! Não procures precipitar os acontecimentos. O tempo

te dirá um dia a verdade. Eu é que não posso falar. Fernando é que nos arrastou para esta luta, que, oxalá, não traga a dor e o luto ao teu seio. Se crês em mim, espera o futuro, mas não o provoques. Aqui tens uma carta. Há dias que a guardo.

Helena amarfanhou-a nas mãos raivosas. Fernando amaria outra mulher? Eu tive pena dela. Uma lágrima soltou-se-lhe dos olhos que me olhavam agora piedosos. Despedimo-nos. Já não havia luar e a minha alma envolveu-se na tristeza daquela noite.

Continua.

JORGE DE AZURÉM.

A'LERTA

Parece que em Vizela se rumoreja que o pretendido concelho lhe será agora concedido.

Há até quem espere confiadamente no lugarzinho na nova Câmara.

Precisamos de estar vigilantes e defendermo-nos contra as arremetidas destes ambiciosos cavalheiros que, a trôco de um lugar rendoso não põem dúvida em esfaccular um concelho da importância do de Guimarães.

Já foi suficientemente demonstrado que o concelho que Vizela queria formar não tinha possibilidades de vida, por isso achamos impertinente a sua insistência.

A nós, no entanto, compete

S. M. SARMENTO

NA forma dos anos anteriores, realizou-se no dia 9 do corrente a festa na Sociedade Martins Sarmento para a distribuição de prémios ás creanças das escolas primárias que mais se distinguiram.

Como sempre, constituiu uma encantadora festa, tocante de graça e ternura.

Presidiu o Ex.^{mo} Sr. capitão Duarte Fraga, presidente da C. A. da Câmara, que para esse lugar foi convidado pelo presidente da S. M. S. Ex.^{mo} Sr. Coronel Duarte Amaral.

Durante o acto, os internados da officina de S. José, cantaram algumas belas canções, sob a regência do Sr. Domingos Calixto, que impressionaram bem os assistentes.

como acima dizemos, estar vigilantes e não nos deixarmos embulhar.